

5º Seminário Internacional “Problemas da Revolução na América Latina”

Quito, 23 a 27 de julho de 2001

A conquista do poder e as formas de luta

Companheiros e companheiras,

O Partido Comunista Revolucionário, PCR–Brasil, saúda todos os partidos e organizações revolucionárias presentes neste 5º Seminário e, em especial, o Partido Comunista Marxista Leninista do Equador, PCMLE, que, com a realização há cinco anos do *Seminário Internacional Problemas da Revolução* e, principalmente, pela atuação destemida e firme de seus militantes na luta contra o poder dos exploradores no Equador, dá uma enorme contribuição ao movimento comunista e revolucionário da América Latina.

Camaradas,

O debate do tema *A Conquista do poder e as formas de luta* impõe, antes de mais nada, analisarmos as características históricas e políticas da época em que vivemos, época na qual o capitalismo aprofunda sua crise geral e, por sua vez, a classe operária e os povos de várias partes do mundo e, em particular, da América Latina, lutam pela revolução e pelo socialismo.

Ao longo de 500 anos, o sistema capitalista concentrou a riqueza nas mãos de uma reduzida minoria, a burguesia, enquanto os bilhões de trabalhadores que produzem essas riquezas são jogados na miséria. Gigantescos cartéis, consórcios e bancos dominam as economias de quase todos os países, obtendo superlucros à custa de uma impiedosa exploração de centenas de povos. A concentração do capital desenvolveu-se de tal maneira que, praticamente, todo o planeta está sob o domínio de poucas centenas de famílias.

Em conseqüência, o desemprego, a fome, a prostituição, as drogas e a corrupção crescem enormemente. São bilhões e bilhões de homens, mulheres, jovens e crianças que sofrem com a exploração e o jugo desses multimilionários. Para termos uma idéia do nível a que chegou a usurpação das riquezas no mundo de hoje, basta vermos que 225 magnatas possuem fortuna superior à renda de 2,5 bilhões de pessoas. Assim, enquanto cresce a pobreza de um lado, de outro uma ínfima minoria fica cada vez mais rica.

É evidente que toda essa exploração e dominação da burguesia, só são possíveis com a manutenção do poder político em suas mãos, isto é, de “*uma força especial para repressão*”, ou seja, do Estado burguês. Por isso, a burguesia empreende uma militarização cada vez maior dos Estados capitalistas, aumentando os gastos militares, crescendo os efetivos das suas Forças Armadas e das polícias e criando e financiando bandos paramilitares, tudo com o objetivo de manter, a ferro e fogo, o seu poder.

O desenvolvimento do militarismo

Assim, entre as principais particularidades de nossa época está o crescimento do militarismo do Estado burguês. De fato, como escreveu Lênin em seu artigo *O Programa Militar da Revolução Proletária*, “O armamento da burguesia contra o proletariado é um dos fatos mais consideráveis, fundamentais e importantes da atual sociedade capitalista”. (Obras Completas, Tomo 30).

Porém, este aprofundamento do militarismo não ocorre à toa. Ele é resultado do próprio caráter parasitário e de decomposição do imperialismo capitalista, bem como, da tentativa da burguesia de deter o avanço da luta revolucionária dos trabalhadores, camponeses, indígenas e de todos os povos oprimidos e explorados, por sua libertação.

Em outras palavras, nenhum outro ramo da indústria capitalista pode comparar-se à indústria da guerra e nenhum a iguala em invenções e aperfeiçoamentos. De fato, nos últimos 30 anos os maiores exemplos de inovação técnica concentram-se na economia militar, e todas as inovações significativas das últimas décadas foram inicialmente concebidas na indústria bélica.

Mais: das dez empresas que lideram o setor armamentista mundial, cinco monopólios norte-americanos detêm 72% das vendas, movimentaram 811 bilhões de dólares em 1996 e em 2002, o orçamento dos EUA, aprovado pelo ditador George Bush, prevê gastos militares de US\$ 319 bilhões, enquanto para a educação serão apenas US\$ 77 bilhões.

Assim, a indústria bélica é no principal país capitalista, os EUA, o setor mais dinâmico de sua economia e, efetivamente, o que dita os rumos de toda a política externa e interna deste país. Por isso, são cada vez mais frequentes as intervenções militares norte-americanas, como provam Iraque, Somália, Haiti, Iugoslávia, Colômbia e as constantes agressões a Cuba, que enfrenta há décadas a feroz agressão do imperialismo norte-americano.

Mas a militarização da economia não é apenas particularidade do imperialismo norte-americano. A União Européia (UE) segue o mesmo caminho, com a criação de um exército para intervenções militares, com o objetivo de defender os interesses dos monopólios capitalistas europeus. Japão, Alemanha e França aumentam também seus gastos militares.

Vale dizer, ainda, que essa concentração de recursos na indústria militar termina por agravar as condições de vida da população desses países, com o corte de programas sociais, diminuição dos empregos industriais e a conseqüente redução da capacidade de consumo dos produtos industriais e agrícolas, pela maioria absoluta da população. Em outras palavras, a acumulação de capital nesse ramo industrial só ocorre em função do enorme financiamento por parte da sociedade, comprovando o caráter artificial desse crescimento econômico.

Mais grave, porém, é que estas armas são usadas contra o povo e suas organizações. De fato, nunca foi tão grande a sofisticação dos armamentos usados contra as manifestações populares nos países imperialistas. Basta citar que 20.000 policiais, fora Exército, Polícia Especiais e outras forças foram mobilizadas em Gênova, Itália, para garantir a segurança de apenas oito executivos dos monopólios capitalistas, os chefes de Estados imperialistas.

A mentira das guerras religiosas e étnicas

Torna-se aqui necessário desmascarar a cantilena dos meios de comunicação burgueses, de que as guerras que ocorrem hoje no mundo têm por motivos divergências religiosas ou étnicas. A verdade é outra.

Todos os países capitalistas vivem há décadas uma profunda crise econômica, resultante do enorme crescimento da concentração das riquezas nas mãos de uma minoria, enquanto a grande maioria da população vive sem emprego e na miséria. O mercado mundial é cada vez mais reduzido. A redução do mercado leva a uma maior disputa entre os países imperialistas por novos mercados, ou seja, com as guerras, querem os países imperialistas se apoderar mais e mais das fontes de matérias-primas e das riquezas de outros povos. Além do mais, são os magnatas da indústria armamentista que lucram bilhões de dólares com os bombardeios e massacres de dezenas de países e povos.

Prova disso é a ferocidade com que o mais rico e poderoso país imperialista, os EUA, se lança sobre as reservas de petróleo que o Iraque possui, de modo a favorecer os interesses dos seus monopólios do petróleo e da indústria bélica. Quer dizer, vendem estas guerras como guerras “humanitárias”, quando na realidade, são guerras por interesses estratégicos e econômicos.

Não é de se estranhar assim, que as guerras cresçam em número e intensidade por todo o planeta. Só na última década do século XX, morreram em conflitos armados 2 milhões de crianças, 5 milhões ficaram inválidas e outras 12 milhões perderam suas casas. Mais: a cada mês mais de 2 mil pessoas morrem ou ficam inválidas por explosões de minas e apenas num ano, em 1994, foram eliminadas cerca de 100 mil minas, mas outras 2 milhões de minas foram colocadas. Pior, no último século 58,5 milhões de pessoas morreram nas duas grandes Guerras Mundiais.

De tudo isso, fica claro que são inevitáveis as guerras enquanto perdurar o capitalismo. Ou seja, enquanto existir o capitalismo existirão guerras para subjugar nações e para enriquecer a oligarquia capitalista. Só quando os trabalhadores do mundo inteiro acabarem com a opressão capitalista e a escravidão assalariada, construindo uma nova sociedade baseada na fraternidade e na colaboração, uma sociedade socialista, é que a paz triunfará.

O Plano Colômbia e a intervenção dos EUA na América Latina

Por outro lado, como revela denúncia da ICIJ (Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos) a presença dos EUA hoje na Colômbia é maior do que foi em El Salvador em 1980. O Exército colombiano, por exemplo, recebeu dos EUA em 2000, US\$ 70 milhões e, este ano, em 2001, esse número saltou para US\$ 519,2 milhões.

Também é grande a presença militar dos EUA no México. Desde 1996, os EUA já deram aulas para 4.000 militares mexicanos. Vale lembrar ainda, que a Escola das Américas, voltada para a formação de oficiais dos exércitos latino-americanos no combate à revolução, foi reaberta e rebatizada como Instituto do Hemisfério Ocidental para a Cooperação em Segurança. Isso tudo ocorre, ao mesmo tempo em que se implantam bases militares em nosso continente, como é o caso da instalação da base de Manta, no Equador, e da base de Alcântara, no norte do Brasil.

A verdade é que, seja em função do agravamento das contradições interimperialistas e do aprofundamento da crise do capitalismo, seja em função das fantásticas riquezas minerais, naturais e de um mercado de quase 500 milhões, a América Latina, é hoje, uma das principais áreas de cobiça por parte dos países imperialistas.

Dessa forma, o famigerado Plano Colômbia está longe de ser apenas a intervenção dos EUA em um país irmão ou nos assuntos internos da Colômbia. Trata-se de uma estratégia posta em prática para estabelecer o total e completo domínio da América Latina pelos monopólios capitalistas norte-americanos. É parte dessa estratégia a criação de novas bases militares a fim de garantir a viabilização da ALCA, a chamada Aliança de Livre Comércio das Américas, ao mesmo tempo em que busca aniquilar o avanço e crescimento da luta revolucionária do povo colombiano.

Por isso mesmo, adquire fundamental importância a realização de ampla campanha internacional de denúncia dos verdadeiros interesses do Plano Colômbia, de seu caráter repressivo, e da ALCA.

Camaradas,

Como prova a história da humanidade nos últimos cinco séculos, os capitalistas sempre defenderam com toda a violência, o seu “direito” de continuar explorando o povo. Aos povos que se levantam contra essa dominação, o imperialismo move uma guerra permanente para impedir que se libertem. Pretender, pois, que a burguesia ceda pacificamente o poder e os meios de produção que estão sob seu controle é uma vã ilusão. Com certeza, não há outro caminho para acabar com a exploração e defender os interesses dos trabalhadores contra os exploradores, senão realizar uma revolução.

Entretanto, a conquista do poder pelo proletariado e seus aliados não é uma conquista pacífica. Pelo contrário, a essa revolução, a grande burguesia, o imperialismo e todas as classes exploradoras se opõem violentamente. Usam da repressão das Forças Armadas, da polícia; da enganação e mistificação dos meios de comunicação; da farsa das eleições burguesas; limitam o

máximo possível os direitos democráticos e empregam todos os meios violentos e terroristas para conservar a propriedade privada dos meios de produção. Assim, a classe operária, os trabalhadores, os camponeses e todos os oprimidos, se não quiserem ser esmagados, têm que responder também com violência à violência do sistema, isto é, a violência da burguesia só pode ser destruída pela violência revolucionária do proletariado.

Como escreveu Engels, citando Marx:

“Que a violência, porém, ainda desempenha outro papel na história” (além de ser agente do mal), “um papel revolucionário, que ela, nas palavras de Marx, é a parteira de toda a velha sociedade que anda grávida de uma nova” (Anti-Dühring) e, também, como enfatizou Lênin em sua obra *O Estado e a Revolução*:

“A substituição do Estado burguês pelo proletário é impossível sem revolução violenta”. (Obras Completas. Tomo 33)

Porém, nas condições atuais do capitalismo ocorre não apenas a concentração do capital, mas também, da população que vive concentrada em grandes cidades nos países capitalistas. Nesse sentido, é inegável a importância da insurreição, das greves políticas gerais, das greves políticas gerais combinadas com manifestações e das greves políticas combinadas com a insurreição armada, como formas de luta de um processo pela conquista do poder. E, por insurreição, entendemos não apenas o seu significado militar, mas o ponto alto da luta de um poderoso movimento revolucionário de massas contra as classes dominantes.

Camaradas,

Cabe aqui, ainda, lembrar as palavras de Lênin em seu artigo *A Guerra de Guerrilhas*, ao responder sobre quais as exigências fundamentais que um verdadeiro marxista deve apresentar ao examinar a questão das formas de luta. Escreveu Lênin:

“O marxismo distingue-se de todas as formas primitivas de socialismo, pelo fato de ele não amarrar o movimento a qualquer forma determinada e única de luta. Ele reconhece as mais diferentes formas de luta, e, além disso, não “as inventa”, mas apenas generaliza, organiza, dá consciência àquelas formas de luta das classes revolucionárias, que surgem por si no curso do movimento. Absolutamente hostil a todas as fórmulas abstratas, a todas as receitas doutrinárias, o marxismo exige uma atitude atenta em relação à luta de massas em curso, a qual com o desenvolvimento do movimento, com o crescimento da consciência das massas, com o aprofundamento das crises econômicas e políticas, gera métodos sempre novos e cada vez mais diversos de defesa e ataque...O marxismo *aprende*, se assim nos podemos exprimir, com a prática das massas; está longe da pretensão de ensinar às massas formas de luta inventadas por “sistematizadores” de gabinete”.

E ainda:

“Tentar responder por *sim* ou *não* à questão da utilização de um determinado meio de luta, sem examinar detalhadamente a situação concreta do movimento dado no grau do seu desenvolvimento, significa abandonar completamente o terreno do marxismo”. (Guerra de Guerrilhas. OC. Tomo 14)

Por isso mesmo, os comunistas não desprezam nenhuma forma de luta. Ao contrário, buscam dominar todas as formas de luta e de organização do proletariado e se empenham sempre, em estabelecer uma profunda vinculação com as massas, em particular com as massas proletárias.

Sem estar profundamente ligado às massas, é impossível pensar em levá-las, prepará-las e mobilizá-las para a luta revolucionária. Daí, a importância de atuar em todas as frentes de luta e em todas as organizações de massa, independentemente do nível de consciência ou de organização em que elas se encontram.

O partido comunista e o combate ao oportunismo

Mas, para alcançarmos êxito na luta pela conquista do poder é indispensável também a construção de um destacamento de vanguarda da classe operária, um Partido, que marche à sua frente, que seja temperado no fogo da luta de classes e faça um resgate vivo da verdadeira doutrina revolucionária de Marx, Engels, Lênin e Stálin. Um Partido que dirija seu trabalho para que a classe operária e as massas populares tomem consciência da necessidade da revolução e da tomada do poder. Um partido operário que eduque o proletariado para que, por meio de suas experiências de luta, tome o poder e conduza todo o povo ao socialismo.

Pois, só quando o proletariado se transforma numa classe consciente e organizada, capaz de libertar-se do domínio do capital, é que a possibilidade da revolução se transforma numa revolução verdadeira e a burguesia não mais consegue encontrar saída para as crises.

Por outro lado, a burguesia conta com um importante aliado para manter seu poder. Trata-se do oportunismo. Em troca das migalhas oferecidas pela burguesia, esses verdadeiros traidores da revolução proletária tratam de defender ‘melhorias’ na situação da classe operária dentro do regime capitalista e propagam ilusões sobre os métodos parlamentares de luta e sobre a possibilidade de se chegar pacificamente ao socialismo. Como muito bem definiu Lênin:

“Os oportunistas, extirpam do marxismo a sua alma revolucionária viva, reconhecem no marxismo tudo, menos os meios revolucionários de luta, a propaganda e a preparação destes, a educação das massas precisamente nesse sentido”. (Lênin. O Socialismo e a Guerra, Tomo 26)

Portanto, para a vitória da revolução, é indispensável que os revolucionários e seu Partido empreendam um duro e implacável combate ao oportunismo e a todos que definem como absolutos os meios legais de luta.

Camaradas,

A conquista do poder pelo proletariado e pelos camponeses, isto é a destruição do aparelho de Estado capitalista (exército burguês, polícia, burocracia, tribunais, parlamento burguês, etc.) e a sua substituição por novos órgãos do poder democrático dos operários, camponeses e das massas populares é impossível sem a luta revolucionária. Por isso, hoje, mais do que nunca, fazer a revolução, levantar-se para varrer e acabar com o capitalismo e implantar o socialismo ou se sujeitar às miseráveis condições de vida impostas pela burguesia, é a questão que se apresenta para todos os explorados.

Camaradas

É preciso combater! É preciso aprender a combater!

Viva a Revolução e o socialismo!

Viva o 5º Seminário Internacional!

Viva o internacionalismo proletário!

Comitê Central do Partido Comunista Revolucionário – PCR Brasil